

## OS QUATRO EVANGELHOS<sup>1</sup>

### I. Cronologia evangélica

Baseado nos cálculos do monge Dionísio o Pequeno (efetuados no ano 525), o calendário da Era Cristã (E.C) fixa como seu início o nascimento de Jesus, que teria sido no ano 753 da fundação de Roma (753 ab Urbe Cón dita, U.C.). Mas, conforme Mateus (2, 1-15) e Lucas (1,5; 2, 1-2; 3,1), o certo é que Jesus nasceu menos de um ano antes da morte de Herodes I, o Grande, a qual se deu precisamente em abril de 750 U.C, conforme escreve Flávio Josefo. Portanto, o natal de Jesus se deu no ano 749 U.C, ou seja, no ano 5 antes da data marcada por Dionísio como Ano 1 da Era Cristã.

Nascimento de Jesus (2º semestre de 749 U.C) .....	ano 5 antes da E.C.
Morte de Herodes I, o Grande (abril de 750 U.C) .....	ano 4 antes da E.C.
Batismo de Jesus e início de sua Vida Pública .....	ano 28 da E.C
Morte, Ressurreição e Ascensão de Jesus .....	ano 30
Vinda do Espírito Santo .....	ano 30
Conversão de Paulo .....	ano 34
Concílio apostólico de Jerusalém .....	ano 50
Evangelho de Mateus (redação aramaica) .....	entre ano 50 e 54
Evangelho de Mateus (redação grega) .....	pelo ano 60
Evangelho de Marcos .....	entre 54 e 60
Evangelho de Lucas .....	pelo ano 60
Perseguição de Nero .....	ano 64
Martírio de Pedro e Paulo .....	ano 67
Destruição de Jerusalém por Tito .....	ano 70
Apocalipse de João .....	entre 88 e 90
Evangelho de João, pouco antes de sua morte. Encerra-se a Revelação Bíblica e a era Apostólica .....	entre 98 e 100

### II. A Bíblia e sua inspiração

A BÍBLIA ou Sagrada Escritura é o conjunto dos Livros santos, os quais têm por autor principal o próprio Deus, que inspirou os autores humanos.

A inspiração divina consiste no seguinte:

Deus *moveu a inteligência* do homem a formar idéias claras a respeito do que ele queria que fosse escrito: umas eles adquiriam informando-se ou meditando; outras, cujo conhecimento supera a inteligência humana, eram-lhes fornecidas por Revelação.

Deus *moveu a vontade* do autor a que se resolve escrever.

Por fim, *acompanhou-o enquanto escrevia*, para que relatasse tudo e só o que ele desejava.

No entanto, a inspiração não exclui que cada autor conserve o seu estilo próprio: daí a variedade incrível entre os muitos livros

### III. Os Evangelhos

A Bíblia divide-se em Antigo e Novo Testamento: os livros do primeiro foram preparação para a vinda do Messias, cuja manifestação e mensagem é relatada no segundo.

E cada um dos quatro primeiros livros do Novo Testamento recebem o nome de Evangelho, termo grego que significa Boa notícia.

<sup>1</sup> Fonte: texto altamente crítico de Agostinho Merk, sj, (6ª edição 1948).

De fato, os Evangelhos narram a melhor de todas as notícias que a humanidade jamais poderia ter imaginado e vinda e Vida do Redentor. Não trazem a biografia completa e Jesus nem seguem uma ordem cronológica exata, porquanto cada evangelista escolhe apenas os fatos e discursos mais relacionados com a verdade que tenciona provar.

O apóstolo João, no seu apocalipse (4, 6-7), último livro do Novo Testamento, descreve uma visão simbólica (semelhante à de Ez 1, 4-10): Quatro seres vivos de aspectos diversos: de homem, de leão, de boi e de águia em vôo.

A igreja, desde santo Irineu, no 2º século, aplica tal visão aos quatro evangelistas, segundo a característica de cada um, a saber:

A figura de homem ou anjo representa MATEUS, que prova aos israelitas ser Jesus o Messias prometido no Antigo Testamento.

O leão simboliza MARCOS, que demonstra ser Jesus o forte e onipotente Filho de Deus, o “Leão de Judá” vindo para salvar o mundo.

A figura do boi caracteriza, com seu auto mugido, a mensagem de Cristo para a salvação universal, o que transparece da narração de LUCAS.

E a águia de vôos altíssimos é JOÃO, que considera a origem eterna do Cristo-Verbo, que é um único Deus com o Pai e o Espírito Santo.

#### **IV. Os Evangelhos, livros históricos**

Vários outros evangelhos foram escritos, e de lês alguns perduram até hoje. São Apócrifos. A Igreja. Porém, desde o início sempre considerou divinamente inspirados somente o de Mateus, Marcos, Lucas e João, conforme o garante a antiguidade cristã. Eis alguns testemunhos:

Entre os anos 110 a 130, Papias, bispo de Hierápolis, na Frígia, escreve que, desde a juventude, procurava interrogar os discípulos diretos dos apóstolos, sobre o que estes haviam ensinado. E afirma que Marcos, Mateus e João tinham deixado por escritos os discursos de Jesus, entendendo com a palavra “discursos” também os acontecimentos.

Uns 20 anos depois, governou a diocese de Lião, nas Gálias, Irineu, que foi discípulo Policarpo, o qual fora discípulo imediato do apóstolo João. Falando também de Lucas, Irineu dá a lista completa dos evangelistas, advertindo energicamente que a Boa Nova é uma só sob quatro formas, donde a sua famosa expressão: evangelho quadriforme ou tetramorfo.

Na década 130-140, o herege Marcião rejeita o Antigo Testamento por se revelação de um Deus vingador, e só aceita o apóstolo Paulo como mensageiro de Cristo, cuja doutrina os demais apóstolos falseiam. Contra Marcião, entre outras declarações, foram publicados, pelo ano 160, uns prólogos muito interessantes a cada um dos quatro Evangelhos.

Em 1935 veio a lume o famoso Papiro Egerton: contém fragmentos de um evangelho apócrifo datado do ano 150 aproximadamente, que faz referências claras aos nossos Evangelhos.

Dos últimos anos do 2º século é o Cânon Muratoriano, manuscrito em latim bárbaro, descoberto na biblioteca Ambrosiana por L. A. Muratori – de quem lhe veio o nome – e publicado em 1740. Esse preciosíssimo escrito discorre sobre a fé reinante na Igreja primitiva sobre a origem e difusão dos quatro Evangelhos.

Justino, em sua primeira Apologia (defesa da fé), escrita em 155, afirma que nas reuniões litúrgicas eram lidas as “Memórias” dos apóstolos, denominadas “Evangelhos”, e faz referência aos nossos quatro, embora não cite o nome de cada um.

Na Síria, pelo ano 170, Taciano, discípulo de Justino, combina os quatro numa só narração, chamando-a “Diatessáron”, que significa Harmonia. Ainda nessa época, Clemente de Alexandria, no Egito, e Tertuliano, em Cartago, afirmam exatamente o mesmo.

No século seguinte, escritores como Orígenes, Hipólito, Cipriano, Vitório de Petau, além das versões siríacas, coptas e latinas, e numerosos manuscritos formam o coro uníssono, atestando a autenticidade dos quatro Evangelhos, e só dos quatro.

## V. Questão sinótica

A grande semelhança entre os primeiros três, mereceu-lhes o título de “Evangelhos sinóticos”, porque podem formar entre si uma sinopse ou resumo, com mais ou menos os mesmos fatos e discursos, às vezes na mesma ordem e até com palavras iguais. No entanto, várias diferenças e aparentes contradições dão a cada evangelista a sua fisionomia própria. Como esclarecer tanta semelhança e as poucas discordâncias? Esta é a chamada “Questão sinótica”.

Explica-se: Durante cerca de 20 anos após a Ascensão do Senhor, sua vida e ensinamentos foram propagados naturalmente em grande harmonia, formando-se uma tradição oral que serviu de fonte única para os escritores.

Mateus compôs, para os judeus, o seu Evangelho em aramaico, língua popular em toda a Palestina já nos tempos de Jesus.

A pregação de Pedro, em Roma, serviu pra o seu discípulo marcos escrever o 2º Evangelho, em grego popular, língua conhecida em todo o império Romano.

Pelo ano 60, Lucas, discípulo de Paulo, redigiu o seu Evangelho, que é o mais bem elaborado, tendo para isso consultado fontes escritas e orais, como ele mesmo afirma (Lc 1,1-4).

Quando se espalhou no Oriente o uso da língua grega propagou-se o Evangelho de Marcos, livro este que deve ter ajudado o cristão que traduziu o texto aramaico de Mateus. Aliás grande número de críticos acham muito provável que foi o próprio Mateus que refez em grego o seu trabalho, para o que deve ter-se valido também da pregação de Pedro, tal como é relatada por Marcos. Note-se que a redação em aramaico se perdeu sem deixar vestígios, provavelmente nas destruições e desordens da guerra de 70 quando Jerusalém foi arrasada pelo general Tito, depois imperador de Roma.

## VI. Língua e traduções

Exceto a primeira redação de Mateus e Epístola aos hebreus, o Novo Testamento surgiu todo em grego. Teve início com a primeira Epístola aos Tessalonicenses, escrita por Paulo pelo ano 50 ou 52. O último livro é o Evangelho de João, pouco antes de sua morte, pelo ano 98 ou 100, encerrando-se a Revelação bíblica e a Era apostólica.

Esses Livros santos propagaram-se rapidamente no Oriente Médio e no Ocidente. Eram todos escritos em papiro (folhas feitas com a casca dessa planta, matéria de baixo custo, mas que se estragava com facilidade). Por isso, dos três primeiros séculos chegaram até nós apenas fragmentos, aliás, bem preciosos para comprovar o valor autêntico dessas páginas divinas.

Somente a começar do século IV é que se propagou, para a escrita, o uso do pergaminho ou pele de carneiro. Sendo matéria bem mais resistente, multiplicaram-se cópias inteiras de todos os livros do Novo Testamento, que assim chegou completo até nós.

Com o tempo, inúmeros e zelosos copistas, intercalando no texto sagrado comentários e comparações entre passagens semelhantes, ofuscaram-lhe a pureza, sem, contudo prejudicar o essencial. Daí terem surgido muitos e diferentes tipos de textos ou códices.

Os judeus e prosélitos<sup>2</sup> da Diáspora ou Dispersão, isto é, os que vivem fora da Palestina, como também os apóstolos, serviam-se da famosa tradução dos Setenta<sup>3</sup>, realizada

<sup>2</sup> Pagão convertido ao judaísmo, que se agregou ao povo judeu pela circuncisão (Mt 23,15; At 2,11). Alguns prosélitos converteram-se ao cristianismo (At 6,5; At 13,43).

<sup>3</sup> Nome dado à tradução dos livros do Antigo Testamento, escritos em hebraico e aramaico, para o grego. Foi feita no Egito entre 250 e 100 a.C.. O nome “setenta” provém da lenda, segundo a qual a tradução foi levada a termo por setenta e dois doutores da Lei enviados de Jerusalém. Escritores do

aproximadamente século e meio antes de Cristo. O nome Setenta (muito citado em algarismos romanos: LXX), provém de uma carta pseudônima de Aristeia, atribuído a versão grega do Pentateuco a “setenta” e dois doutos judeus.

Durante a Idade Média, prevalecia no império bizantino um “texto aceito por todos”, mas que se afastara bastante do que era genuinamente bíblico, devido à confrontação de trechos paralelos e ao embelezamento literário com que se procurava agradar ao gosto popular. Comparado depois com manuscritos antigos, o texto bizantino foi citado em descrédito, e pelos meados do século XIX foi totalmente posto de lado nos estudos e na liturgia.

A antiqüíssima tradução latina da Bíblia, bem mais rigorosa que o texto bizantino, e conhecida pelo nome de Vulgata, que significa popular, foi em parte refeita e em parte apenas corrigida por São Jerônimo, que se valeu para isso de bons e antigos manuscritos gregos, reconduzindo assim o texto sagrado quase à pureza original. Os Evangelhos, ele os corrigiu apenas. Do Antigo Testamento, traduziu de novo quase tudo diretamente do hebraico. Foram quinze anos (de 390 a 405) de extraordinária dedicação, pelo que o seu trabalho passou merecidamente para a história com o nome de “Vulgata de São Jerônimo”, declarada pelo Concílio de Trento, em 1546, *autêntica*, porque “contém positiva e fielmente a Palavra de Deus escrita”.

Com o progresso da crítica moderna, podemos hoje dar o texto genuíno dos Evangelhos. Em 1214, Estevão Langton, depois cardeal, dividiu a Bíblia toda em capítulos, o que facilitou imensamente o seu estudo. Em 1528, Sante Pagnini dividiu os capítulos do Antigo Testamento em versículos. E em 1550, Roberto Estevão fez o mesmo para o Novo Testamento. Tal divisão e distribuição, como também o título e a ordem dos Livros Sagrados, apresentam leve diferença entre Vulgata e as traduções atuais. Por exemplo: do Salmo 10 aos 147, a numeração hebraica (seguida no Bíblico) é sempre uma unidade acima da numeração da Vulgata.

## **MATEUS**

Mateus, filho de Alfeu, era publicano ou coletor de impostos, em Carfanaum, quando Jesus o chamou. Na ocasião, o futuro apóstolo convidou Jesus para um banquete, que ofereceu também aos colegas de profissão. Coletar impostos para os dominadores romanos era tido pelos judeus como pecaminoso: daí o apelidarem de publicanos ou pecadores públicos aos coletores (Mt 9, 9-10).

Os evangelistas Marcos (2,14) e Lucas (5,27), por delicadeza preferem dar a Mateus o seu segundo nome, Levi, bem mais honroso entre os israelitas.

Depois da ascensão de Jesus, Mateus continuou algum tempo na Palestina, pregando aos compatriotas. Não sabemos com total certeza aonde tenha, em seguida, levado a pregação, que por fim confirmou com o martírio: provavelmente à Arábia, à Etiópia, à Pérsia ou à região dos partas.

Os santos Padres – grandes autores dos primeiros tempos cristãos – são unânimes em atribuir a Mateus o primeiro Evangelho, escrito para demonstrar aos israelitas que Jesus é o Filho de Deus, o Messias anunciado pelos profetas. Daí a constante referência a passagens do Antigo Testamento.

Conforme escreve Papias nos inícios do século II, “Mateus compôs em língua hebraica (o popular aramaico) os discursos do Senhor”, entendendo, com o termo discursos, também os fatos da vida de Jesus, como o próprio Papias o atesta, quando mais adiante discorre sobre o Evangelho de Marcos.

---

Novo Testamento e os cristãos dos primeiros séculos utilizaram esta tradução. No Ocidente, a partir do século V foi substituída pela Vulgata.

Mateus escreveu entre os anos 50 e 54. Mas o aramaico, língua de quase toda a Palestina já nos tempos de Jesus, era pouco falado na Diáspora. Sentiu-se logo a necessidade de redigir o Evangelho na língua universal da época, o grego popular. Essa tradução ou redação, segundo a maioria dos estudiosos, deve-se ao próprio Mateus, pouco mais tarde, ainda antes do ano 60. E nesse trabalho, muito lhe valeu o Evangelho de Marcos, já bastante conhecido.

O texto grego do primeiro Evangelho foi sempre aceito por todos os santos Padres como original inspirado, enquanto o aramaico se perdeu sem deixar vestígios, provavelmente nas desordens e destruições da guerra de 70.

Segundo o Martirológio Romano, que se fixa sua festa em 21 de setembro, são Mateus selou seu apostolado com o martírio na Etiópia. Suas relíquias veneram-se, desde o ano 954, na catedral de Salerno, na Itália meridional.

Pode o primeiro Evangelho dividir-se em três partes:

Infância de Jesus: 1 – 2;

Vida pública de Jesus: 3 – 25;

Paixão, morte e glorificação de Jesus: 26 – 28.

## MARCOS

Marcos, ou João Marcos, autor do segundo Evangelho, era levita nascido na ilha de Chipre. Sua família gozava de certa ascendência entre os cristãos de Jerusalém, tanto que em sua casa se refugiou Pedro ao ser libertado do cárcere de Herodes, encontrando nela “várias pessoas reunidas para rezar” (At 12,12).

Partindo de Jerusalém na sua primeira viagem apostólica, Paulo levou consigo Marcos e o primo deste, Barnabé. Chegando a Perga, na Panfília, Marcos separou-se dos dois e voltou para a Cidade Santa. Essa inconstância não agradou a Paulo, que, na segunda viagem, se recusou a aceitar Marcos como companheiro. Então esse seguiu Barnabé para Chipre, enquanto Paulo e Silas rumaram para a Cilícia e a Grécia.

O pequeno incidente não abalou a amizade entre Marcos e o grande apóstolo. De fato, mais tarde, o evangelista tornou-se colaborador direto de Pedro e Paulo. Este, em carta de Roma aos fiéis de Colossas (4,10), declara: “Saúdo-vos Marcos, primo de Barnabé”. E na Epístola a Filêmon: “Saudações de Marcos, meu colaborador” (v. 24).

Por volta do ano 61-62, João Marcos encontrava-se de novo com Paulo. Alguns anos depois, por volta de 63-64, ajudava Pedro na evangelização de Roma, donde este enviou sua primeira Epístola (5,13), em cujo final escreve: “Saúdo-vos meu filho Marcos”, o que denota ter sido batizado príncipe dos apóstolos.

Marcos saiu da capital do Império antes de perseguição de Nero, iniciada em 64. Com efeito, Paulo, em 67, novamente preso e já em vésperas do martírio, escreve a Timóteo sua segunda Carta, na qual lhe pede que vá a Roma e leve consigo Marcos (4,11).

Em seguida ao martírio dos apóstolos Pedro e Paulo, Marcos (conforme antiqüíssimas e autorizadas tradições) evangelizou o Egito, onde fundou a Igreja de Alexandria, e aí morreu mártir. As mesmas tradições rezam que seu corpo foi trasladado para Veneza, na Itália.

Eusébio de Cesareia, na sua *História Eclesiástica*, conserva um fragmento de Papias, bispo de Hierápolis, na Frígia, escrito os anos 110 e 130, no qual se lê textualmente: “Eis o que diz o presbítero João: tendo sido intérprete de Pedro, Marcos escreveu com exatidão, embora de maneira não ordenada, tudo o que lembrava as coisas que o Senhor disse ou fez”. Segundo os melhores críticos, esse presbítero é o próprio apóstolo João.

Alguns anos mais tarde, o mesmo afirma Irineu, bispo de Lião, nas Gálias. Em seguida, Justino, Tertuliano, Orígenes e outros confirmam unânimes o pensamento da Igreja Primitiva. Clemente de Alexandria declara que Marcos escreveu o Evangelho em Roma, a pedido de muitos cristãos que tinham recebido a pregação de Pedro.

Como Clemente, todos os demais santos Padres concordam em dizer que o segundo Evangelho foi escrito não tanto para os judeus, mas especialmente para os cristãos de Roma, na maioria convertidos do paganismo. E o texto evangélico confirma tal afirmação. De fato refere uma única profecia do Antigo Testamento; mostra Jesus como Senhor da natureza e da vida, conhecedor dos corações e do futuro livre, argumentos que podiam convencer os pagãos; não relata discursos de Jesus sobre a lei judaica; usa latinismos e traduz expressões aramaicas; explica usos e costumes próprios dos judeus; dá indicações geográficas da Palestina; é o único evangelista a lembrar que Simão de Cirene era o pai de Alexandre e Rufo, que faziam parte da comunidade cristã de Roma (Mc 15,21 e Rm 16,13).

Na ordem cronológica, a tradição coloca o segundo Evangelho entre o de Mateus e o de Lucas, ou seja, os anos 54 e 60. Marcos o escreveu enquanto auxiliava Pedro na implantação do cristianismo em Roma, que havia de transformá-la em centro e foco da mensagem cristã, o que lhe valeu o título de Cidade Eterna.

Marcos é o mais breve dos evangelistas. Seu estilo é até descuidado, longe do grego clássico. Contudo, sua narração viva e colorida reflete claramente a pregação do príncipe dos apóstolos, que tinha sido, com Tiago e João, o trio preferido do Senhor no grupo dos doze.

Na sua simplicidade, Marcos atinge plenamente o seu intento: provar que Jesus é o Filho de Deus, o Senhor supremo, o onipotente “Leão de Judá”, que os israelitas esperavam e que devia salvar todos os povos: judeus e pagãos.

O segundo Evangelho pode dividir-se em duas partes, além da introdução geral (1,1):

Ministério público de Jesus 1 – 13;

Paixão, morte e glorificação de Jesus 14 – 16.

## LUCAS

Eusébio de Cesareia, nascido em 265 e falecido em 339 ou 340, refere, em sua História Eclesiástica, uma autorizada tradição, já em seu tempo antiga, para comprovar que Lucas, autor do terceiro Evangelho, nasceu em Antioquia da Síria, de família pagã, que era de estirpe e educação grega.

Seus livros – o terceiro Evangelho e os Atos dos Apóstolos – o demonstram como escritor de grande cultura e profundo conhecedor do grego clássico. Era também médico, segundo afirma seu mestre, o apóstolo Paulo, na Carta aos Colossenses (4,14): “Saudações de Lucas, médico estimadíssimo...”

Lucas abordou a religião cristã com a pregação dos primeiros missionários em terra natal, onde, pela primeira vez, os discípulos foram apelidados de “cristãos” (At 11, 19-26).

Em sua segunda viagem apostólica, Paulo encontrou Lucas em Trôade, quando a caminho da Grécia. Foi pelo ano 50. Daí por diante, tornou-se o companheiro inseparável do grande Apóstolo. É neste ponto, em seu segundo livro, que começa a empregar o “nós” (At 16,10). Poucas vezes deixou a companhia de Paulo, e sempre em missões que lhe confiava. Prisioneiro pela segunda vez em Roma, no ano 66, enquanto aguardava o martírio, o Apóstolo dos Gentios escrevia a Timóteo: “Somente Lucas está comigo” (2Tm 4,11).

Nada se sabe a respeito das missões apostólicas de Lucas após o martírio de Paulo. Conforme a tradição narrada no Martirologio Romano sofreu o martírio na Bitínia. Seu corpo foi levado para Constantinopla e daí para Pádua, na Itália, onde se venera na Igreja da santa Justina. A festa de São Lucas celebra-se a 18 de outubro.

“Lucas, companheiro de Paulo, relatou por escrito o Evangelho que este anunciava”. Assim escreve Irineu, discípulo de Policarpo, que foi discípulo imediato do apóstolo João.

São Jerônimo confirma: “Lucas, médico antioqueno, bom conhecedor do grego, companheiro de Paulo em todas as suas viagens, escreveu o Evangelho, do qual o Apóstolo diz: nós vos mandamos o irmão, cujo louvor está no Evangelho disseminado por todas as igrejas” (2Cor 8,18).

Manuscritos, versões e escritores, até o herege Marcião, nos tempos de Irineu, confirmam que o médico Lucas é o autor do terceiro Evangelho. O grande crítico histórico Hernack, em nossos dias, observa que, neste livro, a maior precisão no uso de termos apropriados, fazem perceber o escritor médico.

Historiador consciencioso, Lucas procurou consultar não só Paulo, que, aliás, não estivera com Jesus, mas também (como afirma no prólogo do Evangelho) outras fontes diretas: os demais apóstolos, e particularmente a Virgem Santíssima, de quem obteve notícias sobre a infância de Jesus. A respeito dela e de outros informantes, Lucas diz que “conservavam tudo, meditando no coração” (Lc 1,66; 2,19-51).

Embora não se possa negar, é incerta a tradição (referida, no século VI, por Teodoro, Nicéforo e Simão Melafrestes) segundo a qual Lucas era também pintor, tendo deixado na tela a figura da Virgem, sob o título conhecidíssimo de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro.

Tudo demonstra, no terceiro evangelista, um pesquisador extraordinário: consultou, sem dúvida, o Evangelho de Marcos, em três longos trechos da vida pública de Jesus: 4,31 a 6,19 (Mc 1,21 a 3,19); 8,4 a 9,50 (Mc 4,1 a 9,40); 18,5 a 21,38 (Mc 10,14 a 13,27), sem contudo descuidar outras fontes de viva voz ou escritas, o que se nota na linguagem e na ordem, demonstrando seu cunho pessoal e sua sinceridade na consulta a tais fontes.

Além disso, apesar de seu estilo grego clássico, – com algumas expressões populares – nota-se claramente, nos dois primeiros capítulos sobre a informação recebida de gente simples e autenticamente israelita.

O terceiro Evangelho foi escrito pelo ano 60. Prova-se pelo seguinte: Paulo, no ano 63, foi posto em liberdade de sua própria prisão em Roma. E antes desta libertação encerra-se o livro dos Atos dos Apóstolos, escrito por Lucas como continuação do seu Evangelho (At 1,1).

Pode assim dividir-se o Evangelho segundo Lucas:

Infância de Jesus: 1 – 2;

Vida pública de Jesus: 3 – 21;

Paixão, morte e glorificação de Jesus: 22 – 24.

## JOÃO

João – como ele mesmo afirma – era “o discípulo que Jesus amava” de modo especial, sem dúvida por causa da missão extraordinária que lhe iria confiar, qual seja a de substituí-lo no amparo à Virgem Santíssima.

O apóstolo predileto era discípulo de João Batista, quando este, vendo Jesus, disse inspirado: “Eis o Cordeiro de Deus!” o evangelista, junto com André, irmão de Pedro, seguiu imediatamente o Salvador.

Pouco depois, já formado o Colégio apostólico, João e seu irmão Tiago, juntamente com Pedro, foram os três mais achegados ao Mestre, e presenciaram a transfiguração no Tabor, a agonia mortal no Getsêmani e outros fatos de maior importância. Na última Ceia, João reclinou a cabeça no peito de Jesus, como que haurindo então as idéias centrais de suas Epístolas e Evangelho: a divindade de Cristo, as maravilhas da graça e a caridade fraterna.

Quando os demais apóstolos abandonaram o Mestre no início da grande jornada do sofrimento, João o acompanhou até o Calvário junto com a Virgem. E ele foi como o testamento sublime que Cristo lhe confiou quando disse: “Eis a tua Mãe!” (Jo 19,27).

Ao anúncio da ressurreição, João correu com Pedro até o sepulcro. Depois, às margens do Lago de Tiberíades, reconheceu a Jesus ressuscitado.

Pelo menos até o Concílio apostólico de Jerusalém, João aí permaneceu. Juntamente com Pedro e Tiago, era considerado “coluna” da Igreja (Gl 2,9).

Antiga tradição refere que ele evangelizou a Ásia Menor, onde governou a Igreja de Éfeso, provavelmente logo depois de ter abandonado Jerusalém durante a perseguição que

vitimou o apóstolo Tiago (At 12, 1-3). De fato, quando Paulo, por volta do ano 52, esteve na Cidade Santa, já não encontrou nem Pedro nem João.

Tertuliano, pelos fins do século II, nos diz que o apóstolo da caridade foi levado a Roma, onde o imperador Domiciano o fez lançar numa caldeira de óleo fervente, da qual saiu ileso, sendo em seguida exilado para Patmos, pequena ilha de uns 40 Km<sup>2</sup> no mar Egeu, onde escreveu o apocalipse.

Sob o império de Nerva, que terminou após a morte de Domiciano, de 96 a 98, João regressou a Éfeso, onde escreveu as três Epístolas e o Evangelho. Aí mesmo faleceu quase centenário, entre os anos 98 e 100, encerrando-se então a Revelação Bíblica e a Era apostólica. Uma Igreja construída nas montanhas perto de Éfeso, guarda os sagrados despojos do apóstolo.

O quarto Evangelho supõe os sinóticos já bem conhecidos. O cristianismo estava muito espalhado e começavam a surgir algumas heresias. Contra a dos gnósticos<sup>4</sup> é que João transcreve os discursos e provas com que o Messias atestava a própria divindade. No dizer de São Jerônimo, “João provou, com os fatos, que Jesus Cristo é verdadeiramente Deus”.

Realmente, o quarto Evangelho tem em mira completar a narração dos sinóticos, salientando as provas da divindade do Verbo que se fez carne e que é a luz do mundo, luz que o mundo não quis receber. Daí os freqüentes debates entre Jesus e os fariseus, que o rejeitam.

**Mas então, por que os sinóticos quase nada relatam desses discursos de Cristo na Judéia, e de suas discussões com os judeus?**

Por uma razão muito simples: porque não se relacionam diretamente com o espaço pelo qual os sinóticos escreviam, e porque estes narram quase exclusivamente o ministério na Galiléia. Note-se ainda que foi muito breve o ministério em Jerusalém e na Judéia, onde se deram tias discursos e debates, quase sempre diante dos rabinos, que eram bons conhecedores da Sagrada Escritura. Comparem-se com o estilo da pregação ao povo bem mais simples da Galiléia.

Tudo João conservava vivo na memória e repetia sem cessar em suas alocações aos fiéis da Ásia Menor.

Pela sua sublimidade especial, João mereceu dos Padres gregos o título de “Teólogo”, e o seu principal escrito era chamado o “Evangelho espiritual”.

Apesar da diferença considerável entre os sinóticos e o quarto Evangelho, a figura de Cristo mostra-se perfeitamente igual nos quatro: humano, misericordioso e ao mesmo tempo firme e claro em suas afirmações e atitudes.

Um exame até superficial do texto demonstra claramente que “o discípulo que Jesus amava” é mesmo João, que com Pedro e Tiago formavam o trio mais próximo do Redentor, no grupo dos doze.

Recentes descobertas comprovam a historicidade do quarto Evangelho e a exatidão das particularidades aí referidas: o poço de Jacó em Sicar (4,5), os cinco pórticos da piscina de Betesda (5,2), e o estrado lageado Litóstrotos ou Gábatá (19,13). O autor insiste em afirmar que presenciou o que descreve (1,14; 19,35): esses e vários outros pormenores sobre lugares e costumes da Palestina o demonstram.

Diversas passagens desse livro santo já se encontram nos Padres apostólicos em inícios do segundo século.

A seguir, Polícrates, Irineu, Teófilo de Antioquia e o famoso fragmento ou Cânon muratoriano são alguns nomes que fazem referência expressa ao mesmo Evangelho de João. Papias, por exemplo, entre os anos 110 e 130, lembra que desde a mocidade procurava interrogar os discípulos diretos dos apóstolos sobre o que estes haviam ensinado. E escreveu

---

<sup>4</sup> Os Cristãos Gnósticos constituíram, nos primeiros anos dessa nossa era, uma comunidade fechada, iniciática, que guardou os aspectos esotéricos dos evangelhos, principalmente das parábolas do Mestre Jesus, o Cristo, apresentando um cristianismo muito mais profundo e filosófico do que daqueles cristãos que ficaram conhecidos como a ortodoxia.



no seu livro *Escalercimentos*: “O Evangelho de João foi publicado e comunicado às Igrejas pelo próprio João ainda em vida”.

Após o sublime prólogo (1,1-18), que mereceu para o apóstolo o apelativo de Águia do Céu, o quarto Evangelho pode dividir-se em quatro partes, além dos dois epílogos (20, 30-31; 21, 24-25):

I parte: manifestação de Jesus (1,19 – 4,54);

II parte: pregação de Jesus e oposição dos Judeus (5 – 12);

III parte: discursos e oração na Última Ceia (13 – 17);

IV parte: paixão, morte e ressurreição de Jesus (18 – 21).

no seu livro *Escalercimentos*: “O Evangelho de João foi publicado e comunicado às Igrejas pelo próprio João ainda em vida”.

Após o sublime prólogo (1,1-18), que mereceu para o apóstolo o apelativo de Águia do Céu, o quarto Evangelho pode dividir-se em quatro partes, além dos dois epílogos (20, 30-31; 21, 24-25):

I parte: manifestação de Jesus (1,19 – 4,54);

II parte: pregação de Jesus e oposição dos Judeus (5 – 12);

III parte: discursos e oração na Última Ceia (13 – 17);

IV parte: paixão, morte e ressurreição de Jesus (18 – 21).